



Data: 11.09.2019

Titulo: André Gonçalves Pereira: um ser original e livre

Pub:

QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;14;15



## André Gonçalves Pereira: um ser original e livre

Advogado, professor  
e antigo ministro dos  
Negócios Estrangeiros  
morreu aos 83 anos **p14/15**

Área: 1352cm² / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6589486



Data: 11.09.2019

Título: André Gonçalves Pereira: um ser original e livre

Pub: 

 QuickCom  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;14;15

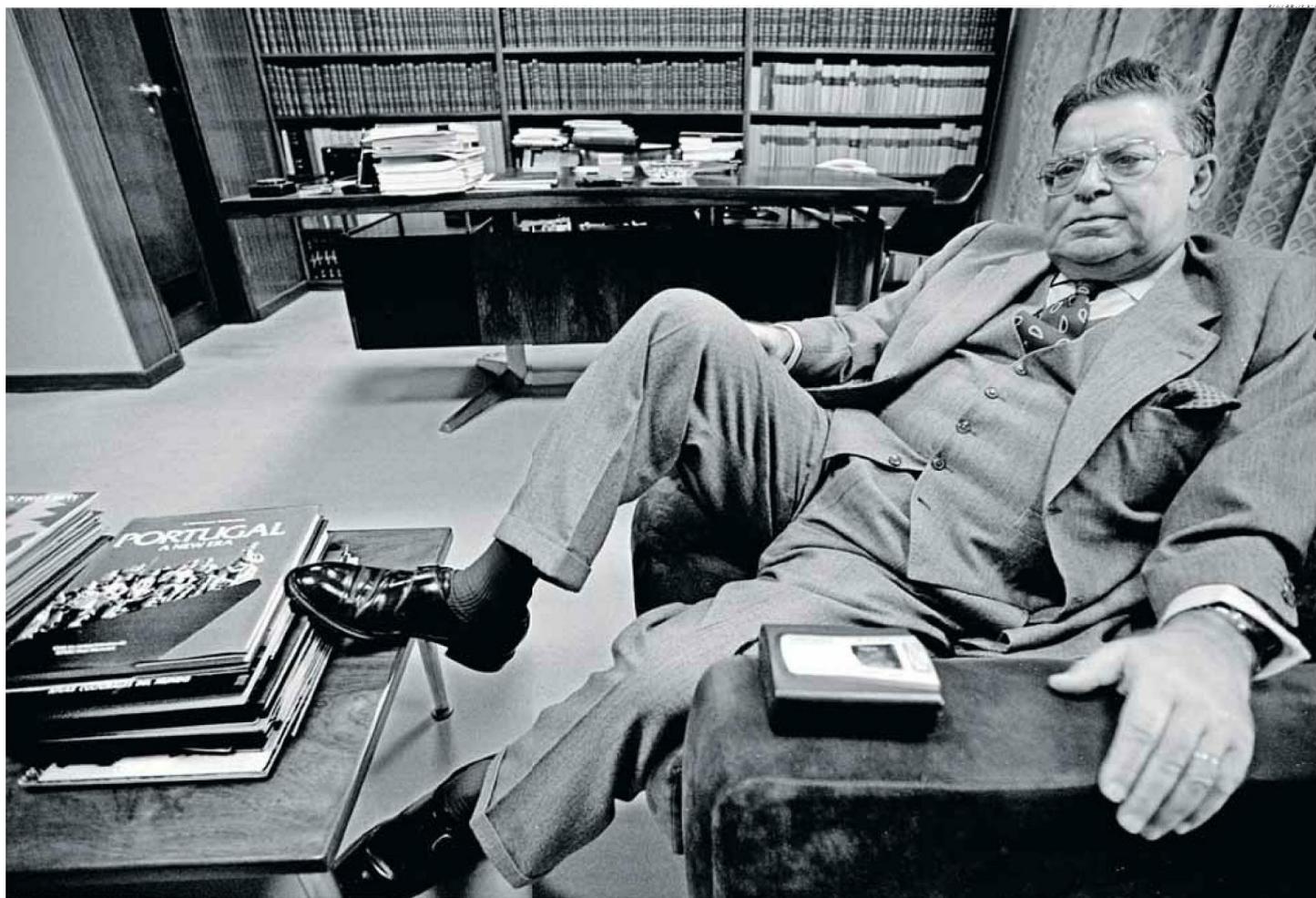
# Gonçalves Pereira Um ser original e livre

Área: 1352cm² / 48%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6589486





Data: 11.09.2019

Título: André Gonçalves Pereira: um ser original e livre

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;14;15

# (1936-2019) Professor de Direito Internacional Público, advogado de negócios, ex-ministro, André Gonçalves Pereira é recordado como independente, original e bem-humorado

## Obituário Cristina Ferreira

**A**ndré Gonçalves Pereira morreu ao início da noite de anteontem, aos 83 anos, vítima de doença prolongada. O velório decorre hoje, pelas 11h, na Igreja da Boa Nova, no Estoril, com uma missa de corpo presente a realizar no mesmo local, seguida de crematório – cerimónia reservada à família.

Em nota oficial, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, apresentou “as suas condolências” à família do “jurista de excepcional inteligência e brilho, professor emérito de Direito Internacional Público, causídico de prestígio nacional e internacional.”

“Foi meu professor de Direito Administrativo e de Direito Internacional Público e foi meu orientador de tese, como foi de Marcelo Rebelo de Sousa e de Jorge Miranda, e tenho dificuldade em encontrar em Portugal ou no estrangeiro alguém que, nas suas áreas, tenha sido melhor professor do que ele”, explicou ao PÚBLICO Fausto Quadros, co-autor, com Gonçalves Pereira, do *Manual de Direito Internacional Público*. “Era cativante, um jovem de espírito, que nos anos 60, quando nenhum professor de Direito frequentava o mesmo bar dos alunos, ele aparecia para tomar café e ficar à conversa.”

“Fui seu aluno e sócio [na Gonçalves Pereira, Castelo Branco & Associados] durante quase 30 anos, conheci-o bastante bem. Na Faculdade de Direito de Lisboa foi um dos melhores e mais populares professores de sempre. E o doutorado mais novo”, evoca, por seu turno, Manuel Castelo Branco [que em 2011 saiu da sociedade, já após a fusão com a Cuatrecasas]. Ao PÚBLICO, sublinhou o que todos constataram: “Era invulgarmente inteligente, cultíssimo e com um enorme sentido de humor”. Com

episódios que se contam.

A partir de 2001, após a fusão com a Cuatrecasas, os sócios da sociedade portuguesa passaram a ter assento nas assembleias-gerais anuais que se realizavam em Espanha, onde intervinham. Gonçalves Pereira fazia questão de falar sempre em português, contrariando o que lhe sugeria (e fazia) Castelo Branco: “Você não fale em português, que não o entendem”.

A dada altura, Gonçalves Pereira comunicou-lhe: “Vou fazer-lhe a vontade e vou intervir no meu espanhol.” E assim fez. E a seguir ao almoço procurou Castelo Branco: “Imagine que eu estava sentado a almoçar e um sócio espanhol veio ter comigo e disse-me: ‘André, desta vez, tu português, lo entendí todo.’ E deu uma grande gargalhada.”

Entre as qualidades, Castelo Branco destaca a generosidade: “Tinha um grande coração. Não era avaro, não era um coleccionador de dinheiro, não discutia salários”, ajudava os amigos. “Pode-se dizer que do seu escritório saíram dois grandes gabinetes de advocacia, Morais Leitão e VdA”, evidencia.

Quando, em 1975, Vasco Vieira de Almeida regressou de Luanda, para onde tinha ido após sair do primeiro governo provisório, André Gonçalves Pereira abriu-lhe as portas do escritório situado já na Praça Marquês de Pombal, em Lisboa. E cedeu-lhe, a título

**“  
Era invulgarmente  
inteligente,  
cultíssimo e  
com um enorme**

## sentido de humor

**Manuel Castelo Branco**

Advogado

gratuito, o gabinete que fora do pai, o advogado António Armando Gonçalves Pereira.

Os dois conheciam-se bem: tinham sido colegas na Faculdade de Direito, mas com dez anos de idade brincaram juntos. “Tínhamos uma amizade da vida inteira e tenho um dever de gratidão, pois só pude recomeçar a actividade como advogado porque o André me apoiou a seguir ao 25 de Abril”, recorda Vieira de Almeida: “Conhecemo-nos através do irmão, do Jorge [Gonçalves Pereira], e os dois colaboraram num jornal que eu e o meu irmão [Pedro] fazíamos em crianças”.

Embora da ala conservadora, Gonçalves Pereira foi “um grande advogado, um homem politicamente independente, que não se submetia a regras impostas”, alude Vieira de Almeida.

Exemplifica com o facto de ter voltado as costas a Marcello Caetano quando este, antes do 25 de Abril, o convidou para ocupar a pasta dos Negócios Estrangeiros. Na altura, Gonçalves Pereira tinha apenas 32 anos. E Fausto Quadros reteve: “Mesmo tendo sido assistente de Marcello, de quem ficou amigo pessoal, foi capaz de divergir das suas ideias políticas”.

Em 2001, numa entrevista ao PÚBLICO, Gonçalves Pereira explicou: “Como nunca pensei ter um patrão, recusei o convite de Marcello Caetano, porque, além de motivos políticos, a nossa diferença de idades era tal que, forçosamente, eu veria ali um ‘patrão’”.

Como professor de Direito Internacional, alentava, no entanto, a ideia de um dia vir a desempenhar uma função “no

Área: 1352cm² / 48%

Titragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6589486



Data: 11.09.2019

Título: André Gonçalves Pereira: um ser original e livre

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;14;15



campo da política externa”, matéria que sempre lhe interessou.

E, em 1980 e 1981, chegou o momento: assumiu o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros num Governo de Francisco Balsemão. “Como gosto de pensar pela minha cabeça, sempre recusei a ideia de integrar uma força política, pois, quando se é militante, há que seguir as orientações dos directórios partidários. E quando Francisco Balsemão, amigo de toda a vida, me convidou, entendi que as circunstâncias eram outras e aceitei. Isto tudo para explicar que a minha perspectiva não é, nem nunca foi, partidária.”

Balsemão manteve-se até hoje um dos seus amigos mais íntimos. Ao PÚBLICO, reagiu assim: “Morreu mais um dos meus grandes amigos. É a triste realidade, sempre difícil de aceitar. O André vai fazer-me falta.”

Quem privou de perto com Gonçalves Pereira lembra-o “maníaco da pontualidade”, raramente se contendo perante atrasos fosse de quem fosse, excedendo-se, por vezes. Um ex-aluno, agora advogado, desvalorizou ao PÚBLICO alguns incidentes: “A intolerância era de exigência, não de falta de paciência para os outros”.

Vieira de Almeida considera que André Gonçalves Pereira foi sobretudo “alguém com uma personalidade divergente que, em muitos aspectos, não ia atrás do que era comum. Era original, irónico.” E gostava de passar essa imagem.

A cena seguinte é elucidativa: quando era ministro de Balsemão, Gonçalves Pereira deu uma entrevista na qual contou que cumpria a função [de ministro] por dever ao país, pois o que ganhava [como ministro] não dava para pagar os charutos que fumava. Num país à beira de ser intervencionado pelo FMI, a frase gerou uma onda de indignação e de incompreensão. Mas segundo Vieira de Almeida, não foi mais do

que “uma boa provocação bem-humorada.”

Francisco Seixas da Costa, diplomata, escreveu: “Recordo-o como um homem com forte personalidade, grande sentido de Estado, um jurista de primeira água, alguém que sempre procurou prestigiar o nome de Portugal.” E “um epicurista de altíssimo refinamento, dos melhores charutos aos melhores vinhos, da mais sofisticada comodidade aos prazeres requintados levados ao extremo, com a naturalidade de quem sempre viveu assim, sem snobeira e com muito bom gosto.”

Filho de pai goês e de mãe francesa, Gonçalves Pereira casou aos 50 anos. De certo modo, alguns viam-no como um solitário, que gostava de estar em casa, rodeado de amigos. Com o vício da leitura, o gosto pela ópera e pelo cinema, a vontade de viajar, em particular para Paris. E a paixão pelo futebol, embora não praticasse nenhum desporto. Era um provocador, como ficou patente quando mandou construir a casa redonda do Algarve, onde dava grandes festas muito disputadas.

Numa nota enviada à Lusa, Freitas do Amaral, que fez parte de governos da Aliança Democrática (AD), entre 1979 e 1983, declarou-se chocado com a morte “de um ótimo amigo, excelente colega e um dos melhores professores da faculdade de Direito de Lisboa”.

“Portugal perdeu uma personalidade que muito marcou a universidade e muitos aspectos da vida do país. Foi um grande professor de Direito Internacional Público e sempre muito interessado pela evolução da situação do país e da conjuntura internacional”, disse, ao PÚBLICO, Artur Santos Silva. Os dois conheceram-se melhor quando ambos foram eleitos, com Eduardo Lourenço, administradores não-executivos da Fundação Calouste Gulbenkian.

“Superiormente inteligente, com uma notável percepção do real,

capacidade de avaliação de talento e da personalidade dos outros e um cortante sentido de humor”, recorda o ex-presidente do BPI.

Por seu turno, a sociedade Cuatrecasas, de que Gonçalves Pereira ainda era vice-presidente e sócio, distingue-o como “homem incontornável da advocacia” e da vida “académica, política e cultural de Portugal”, que “marcou gerações” para quem foi “fonte de inspiração”.

Quando em 2002, foi nomeado administrador (não-executivo) da Gulbenkian, André Gonçalves Pereira telefonou a contar aos amigos: “Tive hoje uma grande alegria, fui escolhido para administrador da Gulbenkian, que foi uma ambição minha de toda a vida”. Ontem, a fundação “considerou-se de luto”: “Não esquecemos a sua presença e a atenção que dava às questões mais complexas, sempre com sábio conselho, com exigência e sentido de humor” e “uma referência de cidadania, de humanismo e de sabedoria”.

Durante vários anos, André Gonçalves Pereira foi um dos membros do Conselho Consultivo do PÚBLICO.  
cferreira@publico.pt

“

**Morreu mais um dos meus grandes amigos. É a triste realidade, sempre difícil de aceitar. O André vai fazer-me falta**

**Francisco Pinto Balsemão**  
Chairman da Imprensa